

SCHEFF Thomas. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Selves autoespelhados: uma conjectura sobre Cooley/Goffman. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 49, p. 13-27, abril de 2018. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Selves autoespelhados: uma conjectura sobre Cooley / Goffman

Looking glass selves: the Cooley/Goffman conjecture

Thomas J. Scheff

Tradução de: *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

Recebido em: 12.01.2018

Aceito em: 20.02.2018

Resumo: Este ensaio analisa a ideia de Cooley sobre o self autoespelhado e a elaboração de Goffman. Pode ser formulado como uma conjectura que liga dois conceitos: consciência compartilhada e emoções sociais. Cooley assumiu que vivemos na mente dos outros e chamamos orgulho e vergonha como emoções derivadas. Goffman acrescentou o constrangimento e a humilhação. Seu trabalho básico, *Presentation of Self in everyday life* (A apresentação do self na vida cotidiana), é denso com essas quatro emoções. O desenvolvimento que Goffman dá ao segundo conceito, a consciência compartilhada (o grau de sintonização) também é descrito. A conjunção de consciência compartilhada e emoção no trabalho de Goffman pode ser a característica que atrai a simpatia do leitor. Duas hipóteses básicas e técnicas são formuladas para testá-las ou aplicá-las. **Palavras-chave:** Charles Cooley, Erving Goffman, self autoespelhado, consciência compartilhada, emoções

Abstract: This essay examines Cooley's idea of self-sparring self and Goffman's elaboration. It can be formulated as a conjecture linking two concepts: shared consciousness and social emotions. Cooley has assumed that we live in the minds of others and call pride and shame as derived emotions. Goffman added embarrassment and humiliation. His basic work, *Presentation of Self in everyday life*, is dense with these four emotions. Goffman's development of the second concept, shared consciousness (the degree of attunement) is also described. The conjunction of shared consciousness and emotion in Goffman's work may be the trait that attracts the reader's sympathy. Two basic hypotheses and techniques are formulated to test or apply them. **Keywords:** Charles Cooley, Erving Goffman, looking glass selves, shared consciousness, emotions

Este ensaio analisa a ideia de Cooley sobre o self autoespelhado e a elaboração de Goffman¹. Pode ser formulado como uma conjectura que liga dois conceitos: consciência compartilhada e emoções sociais. Cooley assumiu que vivemos na mente dos outros e chamamos orgulho e vergonha como emoções derivadas. Goffman acrescentou o constrangimento e a humilhação. Seu trabalho básico, *Presentation of Self in everyday life* (A apresentação do self na vida cotidiana), é denso com essas quatro emoções. O desenvolvimento que Goffman dá ao segundo conceito, a consciência compartilhada (o grau de sintonização) também é descrito. A conjunção de consciência compartilhada e emoção no trabalho de Goffman pode ser a característica que atrai a

¹ Trabalho apresentado na *reunião do Memorial para Erving Goffman, ASA*, Atlanta, em agosto de 2003.

simpatia do leitor. Duas hipóteses básicas e técnicas são formuladas e podem ser usadas para testá-las ou aplicá-las.

A ideia de Charles Cooley (1922) sobre o self autoespelhado (SAE) é hoje aceita na sociologia moderna. Ele notou a autoconsciência reflexiva de nossa experiência, como monitoramos continuamente o nosso self do ponto de vista dos outros. Ele prosseguiu propondo que o automonitoramento seria apenas o primeiro passo de um processo social e psicológico dinâmico:

Uma auto-ideação desse tipo se sustenta em três elementos principais: a imaginação sobre a nossa aparência para a outra pessoa, a imaginação de seu julgamento desta aparência e algum tipo de autossensação, como orgulho ou mortificação (p. 184).

A idéia do SAE é apresentada na maioria dos livros didáticos introdutórios em sociologia e, mesmo, em alguns na psicologia. No entanto, essas apresentações apenas discutem as duas primeiras etapas. Eles não conseguem discutir a terceira (a autossensação). Cooley é bastante explícito em seus exemplos de autossensação, mesmo em sua definição inicial, uma vez que ele menciona duas apenas: o orgulho e a mortificação [vergonha].

Na sua maneira do século XIX, Cooley (1922) era bastante direto ao denunciar o orgulho e a vergonha. Para ele, essas duas emoções surgiram do autocontrole, o processo que estava no centro de sua psicologia social. Com certeza, na discussão sobre o que ele chamou de "autossentimentos", o orgulho e a vergonha são mencionados apenas como duas de outras possíveis emoções. Mas, em sua definição do SAE, ele se referiu exclusivamente ao orgulho e à vergonha.

Na definição ele restringe as autossensações a estas duas emoções, o orgulho e a vergonha (considerando a "mortificação" como uma variante de vergonha). Mas, para garantir que entendamos esse ponto, ele menciona vergonha mais três vezes na passagem que se seguiu (p. 184-85, ênfase adicionada):

A comparação com um espelho apenas sugere o segundo elemento, o julgamento imaginado, que é bastante essencial. O que nos move ao orgulho ou à vergonha não é, porém, o mero reflexo mecânico de nós mesmos, mas um sentimento imputado, o efeito imaginado dessa reflexão sobre a mente de outro. Isso é evidente pelo fato de que o caráter e o peso desse outro, em cuja mente nos vemos, faz toda a diferença com o nosso sentimento. Temos vergonha de parecer evasivo na presença de um homem direto, covarde na presença de um bravo, grosseiro aos olhos de um refinado e assim por diante. Nós sempre imaginamos, e imaginando compartilhamos os julgamentos da outra mente. Um homem se vangloriará a uma pessoa de uma ação – digamos, por exemplo, de uma transação nítida no comércio - que ele teria vergonha de possuir para outra pessoa.

Embora Cooley seja explícito ao sugerir que o orgulho e a vergonha são emoções sociais, ele nem sequer tentou definir emoção. Em vez disso, ele usava as palavras vernáculas como se fossem auto-explicativas.

Mas, os significados das palavras vernáculas para as emoções geralmente são bastante ambíguos. Por exemplo, no uso atual em inglês e em outras línguas européias, a palavra orgulho, usada sem qualificação, geralmente tem uma inflexão de arrogância ou presunção ("Orgulho vai antes da queda"). Para se referir ao tipo de orgulho implícito na análise de Cooley, o oposto da vergonha, é preciso adicionar um qualificador como justificado ou genuíno. Usar palavras de emoção indefinidas é um convite para a Torre de Babel.

Por mais ambígua que seja a análise de automonitoramento de Cooley, ele sugere claramente que o orgulho e a vergonha são as emoções sociais básicas. Neste ponto, a história intelectual induz um tanto surpreendente. Elaborando a idéia de Cooley de automonitoramento, G.H. Mead e John Dewey basearam toda a sua psicologia social no processo de tomada de papéis, a capacidade dos seres humanos de se monitorarem continuamente do ponto de vista dos outros. No entanto, nem Mead nem Dewey mencionam o que era óbvio para Cooley. Mead e Dewey geralmente tratam a tomada de papéis, como o seu elemento básico de comportamento humano, como um processo cognitivo. Não tem nada a dizer sobre o orgulho e a vergonha, como se Cooley nunca tivesse existido.

Talvez a formulação de Cooley do SAE, quando conjugada com os adornos de Goffman, pode ser usada para ampliar a psicologia social de Mead, de modo que se refere não apenas à cognição e ao comportamento, mas também ao sentimento. As representações de conduta humana que omitem sentimentos são apenas bidimensionais. A formulação de Cooley oferece, porém, a possibilidade de mostrar as três dimensões, mão, mente e coração.

Até recentemente houve pouca tentativa de elaborar a idéia de Cooley em uma hipótese útil. Cerca de 70 anos depois de Cooley ter proposto o SAE, assinalo que existiam dois componentes básicos: a consciência compartilhada (intersubjetividade, leitura mental ou sintonização), por um lado, e as emoções que dela resultam, por outro (Scheff, 1987). Neste artigo, eu proponho que essas duas idéias possam ser formuladas como conceitos e que a relação entre os dois conceitos possa ser usada para desenvolver uma conjectura fundamental sobre a base do comportamento humano.

No trabalho básico de Goffman, *A apresentação do self na vida cotidiana* (AEVC), não é feita menção ao SAE. Existem três referências a Cooley, mas nenhuma diz respeito ao espelho. No entanto, de certa forma, a idéia de Cooley pode ser vista como a estrutura básica de todos os escritos anteriores de Goffman, especialmente o AEVC. Por esta razão, o trabalho de Goffman pode ser usado para desenvolver a idéia de Cooley no ponto em que ela possa fornecer uma base para a psicologia social de cunho sociológico.

Como Cooley, a elaboração de Goffman sobre o tema do *self autoespelhado* (SAE) também é ambígua, mas, de uma maneira completamente diferente. A prosa de Cooley é simples e despretensiosa, apenas ligeiramente removida da linguagem comum. Mas, a de Goffman, além de ser deslumbrante e brilhante, também é incrivelmente complicada e complexa. É densa com significado, insinuações, classificações improvisadas, qualificação e expansão. Também é humorística, irônica e espirituosa de uma maneira que ambas entretém e irrita, revela e esconde. Para que o seu trabalho venha a ser útil ao avanço das ciências sociais, ele precisa ser descompactado, sentença por sentença.

Constrangimento e Consciência Compartilhada

Emoções e consciência compartilhada são componentes básicos em todo o pensamento de Goffman, entretanto, obviamente, em seus primeiros trabalhos. Primeiro, consideremos o seu tratamento das emoções. Ao contrário da maioria dos cientistas sociais, Goffman explorou as emoções, bem como os pensamentos e ações. No entanto, há uma dificuldade. Um ponto de aderência imediato é que a maior parte do tratamento de Goffman sobre o sentimento se preocupa o constrangimento e, de forma menos proeminente, com as suas duas primas, a vergonha e a humilhação. Essas emoções desempenham um papel importante na maioria dos seus estudos,

especialmente os anteriores, tanto explicitamente quanto, em um alcance muito maior, por implicação. Todavia, por que apenas essas três emoções? E sobre as outras emoções primárias, como o amor, o medo, a raiva, a tristeza, e assim por diante?

Para o leitor médio, o foco exclusivo nessas emoções parece arbitrário. Uma exceção entre eles é o grande escritor de quadrinhos inglês Allan Bennett, que parece levar a abertura de Goffman com relação às emoções em seu passo. Ele resume assim: "Devemos amar uns aos outros ou morrer - de constrangimento (2001, p. 335)." Esta breve frase contém muita informação: o que Goffman deixou de lado (amor) e o que ele incluiu (embaraço). Também faz alusão a uma canção dos anos 60 de Crosby, Young, Stills e Nash: "devemos nos amar ou morrer". Contudo, a reação de Schudson (1984) é mais típica. Ele dedicou um artigo inteiro para questionar o que ele vê como a preocupação exclusiva de Goffman com o constrangimento.

Explicitamente, Goffman deu apenas uma justificativa. Ele argumentou que o constrangimento tinha uma importância universal e pancultural na interação social:

A interação face a face em qualquer cultura parece exigir apenas aquelas capacidades que a perturbação parece destruir. Portanto, os eventos que levam ao constrangimento e os métodos para evitá-lo e dissipá-lo podem fornecer um quadro transcultural da análise sociológica (1956, p. 266).

Heath (1988, p. 137) justifica ainda mais o foco de Goffman:

A vergonha é o coração da organização social da conduta do dia-a-dia. Fornece uma restrição pessoal ao comportamento do indivíduo na sociedade e uma resposta pública a ações e atividades consideradas problemáticas ou desfavoráveis. O embaraço e o seu potencial desempenham um papel importante na sustentação do compromisso do indivíduo com a organização social, valores e convenções. Impregna a vida cotidiana e os nossos relacionamentos com os outros. Ele informa a conduta ordinária e limita o comportamento do indivíduo em áreas da vida social que restrições formais e institucionalizadas não alcançam.

Além dessas considerações, há outra, mais ampla, que está implícita nas idéias de Goffman, particularmente a idéia de gerenciamento de impressões. A maior parte de seu trabalho sugere que cada ator é extraordinariamente sensível à quantidade exata de deferência recebida por outros. Mesmo uma ligeira diferença, para mais ou para menos, entre o que se espera e o que é recebido podem causar constrangimento e outras emoções dolorosas.

Em um artigo anterior (Scheff, 2000), eu segui a direção de Goffman, propondo que o constrangimento e a vergonha são as principalmente emoções sociais, porque elas geralmente surgem de uma ameaça ao vínculo, *por mais leve que seja*. Em minha opinião, a *sintonização*, e o grau de conexão social, para tomar com precisão o ponto de vista do outro sem julgá-lo, é o componente-chave dos vínculos sociais. Uma discrepância na quantidade de deferência transmite julgamento e, portanto, é experimentada como uma ameaça à união. Uma vez que, mesmo em uma pequena discrepância na deferência, nela pode ser percebido o constrangimento ou a antecipação do constrangimento, os quais teriam uma presença praticamente contínua na interação.

Na maioria dos seus escritos, cada personagem de Goffman está constantemente ciente de sua própria posição aos olhos dos outros, implicando estados quase contínuos de emoções autoconscientes: constrangimento, vergonha, humilhação e, em raros casos, orgulho ou antecipação desses estados. A sua sensibilidade aos olhos dos outros, e aos julgamentos de si mesmos, sugerem que os atores de Goffman parecem tridimensionais, pois eles encarnam o pensamento e o comportamento. Antes de descrever o tratamento

que Goffman elabora sobre a consciência compartilhada, é necessário primeiro explorar o seu tratamento das emoções.

O léxico emocional no AEVC

Esta seção explora a densidade de palavras emoção no AEVC. Conforme observado acima, vários leitores do AEVC concluíram que ele tratou extensivamente da vergonha, contudo, apenas, dessa emoção. Alguns não se importaram como Bennett e Heath, porém, a maioria dos outros, como Schudson, o fez. Nesta seção, quero esclarecer melhor a extensão e a natureza do tratamento de Goffman sobre o constrangimento e as emoções relacionadas, já que o seu uso a este respeito é fundamental para minha tese. Para este propósito, vou me concentrar, maiormente, no AEVC, pois considero que nele se encontra a sua afirmação principal.

Como já indicado neste livro, em primeiro lugar ele não só tratou do constrangimento, mas, também, de seus dois íntimos, a vergonha e a humilhação. Para ter uma idéia da atenção que ele deu a essas e outras emoções, contei as várias palavras de emoção que o livro contém. Com 36 ocorrências, o *constrangimento* é, de longe, o mais freqüente. Mas, a palavra *vergonha* e seus derivados, como sentir-se *envergonhado* (shame) e *ser envergonhado* (ashamed), também é freqüente, com 22 ocorrências. O outro membro desta família, a *humilhação* ocorre 05 vezes. Mesmo a menos assídua dessas três palavras, a *humilhação*, ocorre com mais freqüência no texto do que qualquer outra palavra que retrate emoção. O medo, com 04 ocorrências, é o próximo, seguido do amor, com três. As palavras que mencionam as outras grandes emoções, como o orgulho (3), a raiva (2) e o sofrimento (1), são ainda menos habituais.

Como o uso de Goffman da tríade da vergonha, humilhação e constrangimento se comparam em relação aos seus outros textos? Para responder a esta pergunta, contei estas palavras em onze textos que estavam facilmente disponíveis em arquivos eletrônicos. Eu escolhi textos com tópicos como conflito, sexualidade e honra, com base em que a discussão de tais tópicos provavelmente afetará a vergonha e as outras duas emoções relacionadas.

Destes onze textos (autores e títulos podem ser encontrados nas referências suplementares), apenas um apresentou uma maior proporção de palavras da tríade vergonha do que o AEVC. O livro *O código invisível: honra e sentimento na França pós-revolucionária, 1814-1848* continha 208 palavras da tríade vergonha. Em um texto com 96, 188 palavras, a porcentagem de termos da tríade é .22. Ou seja, há uma média de duas dessas palavras emoção em cada mil palavras de texto. No AEVC, com 63 dos termos da tríade em 89, 716 palavras de texto, a proporção é 0,07.

No entanto, o restante dos 11 textos apresentou porcentagens menores do que o AEVC, variando de 0,01 a 0,05, com uma média de pouco mais de 0,02. A proporção de termos da tríade no AEVC é aproximadamente três vezes e meia maior do que a média de dez dos onze livros comparados.

Embora eu não tenha lido o texto do livro sobre honra e sentimento na França durante a primeira metade do século XIX, a combinação do tema e da era sugeriu o motivo da alta proporção de palavras da tríade vergonha. O tema da honra, especialmente na Europa do século XIX, era pouco mais do que um sistema regulador do orgulho e da vergonha. Além disso, durante essa época, os termos vergonha foram usados muito mais abertamente do que no século 20. Os outros dez textos comparativos, uma vez que utilizam o discurso do século XX, não são tão próximos.

Impressiona particularmente que a porcentagem da tríade (0,03) no volume de Elias sobre os alemães (1996) seja menor do que a do AEVC. Um dos principais temas do livro de Elias é a dificuldade que os alemães têm em gerenciar a vergonha. A idéia

de que a base para a agressão germânica pode ser entendida em termos de vergonha não reconhecida é implícita, ou mesmo declarada explicitamente em muitas formas diferentes ao longo do volume. Parece que, como este livro chegou tarde à carreira de Elias, ele era muito mais cauteloso em usar as palavras vergonha diretamente do que no seu primeiro livro, *O Processo Civilizador* (The Civilizing Process). O AEVC, por outro lado, ocorreu no início de carreira de Goffman, ele ainda era muito mais ousado em usar palavras que continham o sentido de vergonha direta do que mais tarde.

Embora a contagem de palavras da tríade vergonha no AEVC seja útil, não consegue captar a extensão do tratamento de Goffman sobre o constrangimento e seus parentes próximos. Goffman usou muitas palavras que trazem implícita a vergonha ou o embaraço, sem nomeá-las explicitamente. Muitas de suas citações são desta natureza. Por exemplo, "o seu orgulho está profundamente ferido" (p. 50) transmite a vergonha indiretamente. Outra instância ocorre em sua discussão sobre a dificuldade enfrentada pela pessoa no papel do intermediário:

Quando um intermediário opera na presença real das duas equipes de que ele é membro, obtemos uma exibição maravilhosa, não muito diferente de um homem tentando desesperadamente jogar tênis consigo mesmo... Como indivíduo, a atividade intermediária é bizarra, insustentável e indigna, vacilante com o fazer em um conjunto de aparências e lealdades para outro (p. 149).

A idéia de que a atividade de um intermediário entre públicos conflitantes é "bizarra, insustentável e indigna" é uma referência indireta ao embaraço, especialmente o uso da palavra indigna. A idéia de dignidade ou da sua falta é quase sempre um aviso sobre orgulho e vergonha, que ocorre com muita freqüência no AEVC. As referências de Goffman à dignidade ou aos seus derivados (17 vezes) sempre implicam orgulho, ou muito mais frequentemente, vergonha.

Outra ocorrência óbvia ocorre em uma citação de Simmel:

Uma esfera ideal está em torno de todo ser humano. Embora difiram em tamanho e em várias direções, e se espacem também de acordo com a pessoa com quem se trava relações, esta esfera não pode ser penetrada, a menos que o valor da personalidade do indivíduo seja destruído. Uma esfera desse tipo é colocada em torno do homem em razão de sua "honra". A linguagem designa, de forma muito pungente, um insulto à honra de alguém como "chegando muito perto": o raio desta esfera marca, por assim dizer, a distância cuja invasão por outra pessoa insulta a sua honra (p. 69).

A idéia de honra, especialmente em relação a insultá-la ou destruí-la, também pode ser expressa na linguagem de orgulho e vergonha. Muitas passagens indicam o constrangimento ou a vergonha sem usar qualquer palavra explicitamente. Aqui está um esforço que envolve referências diretas e indiretas:

Sabendo que seu público é capaz de formar impressões ruins dele, o indivíduo pode se sentir envergonhado de um ato honesto bem intencionado, simplesmente porque o contexto de seu desempenho fornece falsas impressões que são ruins. Sentindo essa vergonha injustificada, ele pode sentir que seus sentimentos podem ser vistos; Sentimento que dele é visto e, assim, ele pode sentir que sua aparência confirma essas falsas conclusões ao seu respeito. Ele pode então aumentar a precariedade de sua posição, envolvendo apenas as manobras defensivas que ele empregaria se ele fosse realmente culpado. Desta forma, é possível que todos nós nos tornemos fugazmente para nós mesmos a pior pessoa que poderíamos imaginar que os outros possam nos imaginar. (p. 236)

Nessas quatro frases, há duas referências diretas a vergonha (vergonha e vergonha) e duas indiretas. Seguindo a lógica do SAE, a cláusula "ele pode sentir que sua aparência confirma essas falsas conclusões sobre ele" implica pelo menos a possibilidade de vergonha ou embaraço. A frase final nesta passagem vai muito mais longe: "Desta forma, é possível que todos nós nos tornemos fugazmente para nós mesmos a pior pessoa que poderíamos imaginar que os outros possam nos imaginar".

Esta última linha assombrosa implica um estado de vergonha, possível, extremamente intenso. Mais do que qualquer outra passagem em Goffman, talvez essa também nos leve a um passeio dinâmico através dos três passos do SAE: a imaginação da visão de outrem de si mesmo, o julgamento imaginado do outro e, com poderoso impacto, o sentimento real, não imaginado, sobre si mesmo que é o resultado.

Além de encontrar muitas instâncias em que o embaraço ou a vergonha estão implícitos, mas não indicados diretamente, outro resultado inesperado da minha contagem de palavras de emoção no AEVC é o grande número de referências diretas à vergonha e à humilhação. Juntas, a contagem dessas duas palavras (27) é quase tão grande quanto a da vergonha (36).

A resposta de leitores como Schudson, Heath e Bennett nos levou a esperar que o foco de Goffman fosse esmagador, apenas, para uma única emoção, o embaraço. Na verdade, o próprio Goffman contribuiu para essa expectativa, já que o seu ensaio sobre emoção dizia respeito ao constrangimento (1956). Neste artigo, e na reimpressão posterior (1967), Goffman não fornece nenhum link para a vergonha ou a humilhação. Na verdade, ele não faz referência a nenhuma emoção. A palavra vergonha ocorre uma vez, em uma citação de outro autor. Além disso, o seu estudo sobre o estigma (1963), cujo tema central é a vergonha, ele usa essa palavra apenas duas vezes e, apenas, de passagem.

Como podemos entender o foco irrestrito de Goffman, sobre o constrangimento, em toda a sua obra, exceto em um dos livros e nos leitores desse mesmo trabalho? A tentativa de responder a esta pergunta requer referência a influências culturais sobre o discurso emocional na sociedade ocidental. Em um artigo anterior, eu propus que exista um tabu sobre a vergonha nas sociedades industriais modernas (Scheff, 2003). Uma indicação da existência de tabu é que os estudos sobre a vergonha nas ciências sociais realizados por Cooley, Freud, Elias, Lynd, Lewis e Tomkins, como o de Goffman, foram amplamente ignorados. O tabu de vergonha em inglês ainda é válido: o uso atual, em sua maior parte, atribui um significado singular a ele que é intenso e estreito. Este significado ofende, por um lado, e, por outro, submerge a função cotidiana da vergonha.

O aspecto do tabu que é mais relevante para o argumento aqui é que, ao contrário das sociedades tradicionais, a cultura ocidental faz uma distinção firme entre vergonha e humilhação, por um lado, e embaraço, por outro. O uso nas sociedades tradicionais não faz tal distinção. Em espanhol, por exemplo, a *vergüenza* do trabalho pode ser usada para significar vergonha e embaraço. As línguas das sociedades tradicionais, como o árabe, também não fazem distinção. Na cultura ocidental, uma vez que o constrangimento geralmente é uma forma de vergonha menos intensa, é relativamente livre de tabu. O embaraço é possível de ser falado; a vergonha, porém, é indizível, na conversa normal.

Essa idéia poderia explicar por que os leitores do AEVC responderam ao livro como se tratasse apenas de constrangimento, e também porque o próprio Goffman enfatizava isso em vez da vergonha e da humilhação em seu trabalho posterior. Minha hipótese é que, como os outros estudiosos da vergonha, percebendo que os leitores a ignoraram, ele passou também a ignorá-la também.

Com uma exceção, os outros especialistas da vergonha mencionados acima seguiram a mesma trajetória, especialmente Freud, Elias, Lynd e Tomkins. A exceção foi à psicóloga / psicanalista Helen Lewis. O seu principal estudo empírico, uma análise de vergonha e culpa em transcrições de psicoterapia (1971), foi publicado no início de sua carreira, e ela continuou com o estudo sobre a vergonha pelo resto da vida. Ela disse-me (correspondência, 1991), no entanto, que ela notou que, embora muitas pessoas louvassem o seu livro, ninguém parecia ter lido. Se o meu argumento estiver correto, ela poderia ter obtido muitos outros leitores se ela tivesse usado a frase "Embaraço e Culpa" em vez de "Vergonha e Culpa" no título. Como Lewis e os outros estudiosos da vergonha acima mencionados, Goffman pareceu considerar a vergonha, e os seus parentes próximos, como o constrangimento a emoção mestra da vida cotidiana.

Leitura da mente (*Mindreading*). Consciência Compartilhada ou Intersubjetividade

O foco no constrangimento como resposta aos pontos de vista que os outros têm de si, também implica o segundo componente da análise de Goffman, a intersubjetividade. O seu trabalho sugere que passamos grande parte de nossa vida a viver nas mentes dos outros. A este respeito, ele segue os passos de Cooley (1922), G.H. Mead (1936) e Blumer (1986). O que poderia ser chamado aqui de mentalidade mútua era fundamental para as suas perspectivas. Mead a chamou de "assumir o papel de outro". Essa idéia também é contrária à cultura ocidental. Cultura esta que se concentra nos indivíduos, como se fossem completos em si mesmos.

A descrição de Mead de assumir o papel do outro, inicialmente, dá a impressão de que ele está se referindo ao comportamento dos papéis. Na verdade, ele às vezes usa a frase dessa maneira: para coordenar as ações de alguém com outra, digamos, ao dançar um tango, é necessário aprender não apenas o próprio papel, mas, também, o papel da obrigação do parceiro.

Entretanto, ao ler mais, fica claro que Mead não está se referindo apenas ao comportamento, mas também, mais frequentemente, à perspectiva e aos pensamentos dos outros também. O conceito de "assumir o papel do outro generalizado" significa claramente que se admite a perspectiva imaginada de uma pessoa ou grupo de pessoas, mesmo em um grupo fictício. Da mesma forma, a sua definição de instituição social envolve cada participante que sabe não só de sua própria perspectiva, atitudes e ações, mas também as dos outros participantes. Ele dá o exemplo da instituição de *propriedade privada*. Para roubar uma bolsa de forma eficaz, um ladrão deve conhecer as perspectivas do proprietário, da polícia, do juiz, etc. A teoria de Mead sobre a tomada de papéis envolve claramente o conceito de intersubjetividade, o compartilhamento de estados subjetivos por dois ou mais indivíduos.

A ideia de Cooley sobre a vida social também foi construída em torno da intersubjetividade. Mas ele levou as implicações da idéia muito além de Mead. Cooley argumentou que a intersubjetividade é tanto uma parte da humanidade, como da natureza humana que a maioria de nós leva completamente, por certo, ao ponto de invisibilidade:

Como é o caso de outros sentimentos, não pensamos muito nisso (isto é, de autossensação social), desde que seja moderado e regularmente gratificado. Muitas pessoas de mentalidade equilibrada e atividade familiar pouco sabem que eles se importam com o que os outros pensam deles e negarão, talvez com indignação, que tal cuidado seja um fator importante no que são e fazem. Mas isso é ilusão. Se o fracasso ou a desgraça chegarem, se de repente achar que os rostos dos homens mostram frieza ou desprezo em vez da bondade e da deferência que ele está acostumado, ele perceberá do choque, do medo, da sensação de ser pária e desamparado, que ele estava

vivendo na mente dos outros sem saber disso, assim como nos fazemos diariamente no chão firme sem pensar em como nos sustenta (Cooley 1922, p. 208).

Essa idéia é profundamente significativa se estamos tentando entender o trabalho de Goffman. Intersubjetividade é tão construída em nossa maquiagem cultural que geralmente será virtualmente invisível. Daí decorre que devemos esperar que, não só os leigos, mas também a maioria dos cientistas sociais evitem a consideração explícita da intersubjetividade.

Muito embora a comunicação humana seja construída com base no acordo intersubjetivo, é aprendida logo na tenra infância que ele não está marcado na maioria dos discursos. Ocasionalmente será referido, mas, apenas, casualmente e de passagem. Por exemplo, pode-se dizer a um amigo: "Nós dois sabemos que...". A idéia ocorre de forma mais elaborada em uma música popular (dos anos 30?), cuja letra era algo como:

Eu sei que você sabe que eu sei que você sabe... [que estamos apaixonados?].

A referência na música aos níveis em cascata de mentalidade alternativa é apenas brincadeira. Mas, a mesma idéia de saber que o outro sabe e etc. foi a base para um dos meus primeiros artigos (Scheff 1967) sobre um modelo sociológico do consenso. Proponho que o conceito de consenso implique essas cascatas, mas, raramente são reconhecidas e nunca foram exploradas. Provavelmente, por coincidência, porém, a *Interação Estratégica* de Goffman (1969) abordou essa questão. Eu não acho que Laing estava ciente de seu próximo livro no momento em que escrevi o meu artigo². Na medida em que as pessoas avaliam com precisão, entre si, em todos os níveis de cascata, eles chegam a uma experiência tão profunda que se pode dizer que eles se tornam como um *um*.

Um exemplo de um pesquisador que estudou a leitura da mente em seres humanos por certo ocorreu em um tratado recente (O'Connell, 1998). O autor analisou um conjunto bastante grande de experiências que mostram que crianças pequenas, animais como primatas e pessoas autistas são muito pobres em ler as mentes dos outros³. Entretanto, nem O'Connell, nem nenhum dos estudos que ele analisou reconhecem uma clara implicação nos achados: as crianças, os primatas e os autistas são pobres na mente, mas os adultos humanos normais são bons nisso. Não são relatados estudos que avaliassem a precisão da intersubjetividade adulta normal. Mesmo os estudos sobre a leitura mental parecem dar por certo a idéia de Cooley de que os adultos humanos passam grande parte de sua vida a viver nas mentes dos outros.

Um exemplo flagrante envolve uma das doutrinas centrais da teoria pós-moderna, a proposição de Derrida de que o significado de todos os textos é fundamentalmente indecorável. No nível mais atômico, essa proposição é verdadeira, pois todas as palavras comumente usadas, em todas as línguas, têm mais de um significado. Múltiplos significados levam a uma ambiguidade inescapável no sentido de palavras individuais, faladas ou escritas.

² Quando apresentei a idéia de níveis de intersubjetividade em cascata em um seminário organizado por R.D. Laing, ele estava tão interessado que escreveu um livro sobre isso (Laing et al 1966).

³ Mead foi mesquinho com exemplos, mas comentou sobre a incapacidade habitual dos animais de ler mentes. Ele observou que um humano adulto interpreta o significado de apontar colocando-se na posição do ponteiro, vendo a direção implícita pelo dedo apontado. Mas um cachorro, ele disse, é provável que apenas cheire o dedo apontado. Este exemplo revela-se errado, uma vez que os cães pastorais, pelo menos, podem ser treinados para responder ao apontar.

Mas o salto para a ideia de uma não determinação universal é errado. O significado das palavras individuais se torna apenas dependente se o contexto estiver esgotado. Os significados consensuais são alcançados ao se referirem ao contexto em que as palavras ocorrem: tanto o contexto local quanto o contexto estendido (Scheff, 1990). Com certeza, a interpretação no contexto é um processo complexo, cheio de risco e de erro. Por esse motivo, há um mau entendimento na comunicação, mesmo quando as mensagens ou textos são habilmente construídos.

Porém, da mesma forma, há também uma compreensão consensual considerável sobre o significado de mensagens e textos, até mesmo complexos. Caso contrário, a ordem social colapsaria imediatamente. A ideia da não determinação parece estar baseada em um modelo mecânico de comunicação de significado, como se fosse determinado por respostas de rotina a palavras individuais. Em particular, a não determinação ignora a possibilidade de que a comunicação envolve, no seu núcleo, o processo de assumir o papel do outro, de entender o significado de mensagens ou textos não apenas do ponto de vista do destinatário, mas também do remetente.

Outro exemplo é o chamado "o problema das outras mentes" na disciplina da filosofia. Como muito da teoria pós-moderna, ela é construída inteiramente sobre o raciocínio abstrato e não sobre observações sistemáticas. Dada essa abordagem, não é surpreendente que os contribuintes deste campo tenham decidido que ninguém realmente pode realmente conhecer a mente de outra pessoa. Essa crença reflete a insistência ocidental sobre o individualismo, que cada um de nós é essencialmente só; e, deste modo, faz parecer bizarro as culturas orientais, com a sua insistência do grupo sobre o indivíduo. Nessas configurações, cada mente é pensada para ser um fragmento de uma supermente, a *Grande Nuvem do Desconhecimento*. O conceito de intersubjetividade oferece um meio termo, na medida em que pode avaliar a precisão da leitura mental, sem assumir ou rejeitar automaticamente a idéia.

Um exemplo final e discutível é o trabalho de Cooley, Mead e Blumer. Embora a tomada de papéis seja fundamental para as suas visões da natureza humana, eles lidam com o conceito apenas na súmula. O tratamento de intersubjetividade de Goffman, (e sua correlação, a onipresença da vergonha ou da antecipação do constrangimento), começa a preencher o vazio interestelar entre a abstração e o seu significado cotidiano onipresente na conduta humana.

O tratamento de Goffman revela a idéia de assumir o papel, e mais, o seu parentesco com o constrangimento, de uma forma que Mead e Blumer nunca fizeram. Certamente, Cooley declara claramente o parentesco com o constrangimento / vergonha em sua discussão sobre o self autoespelhado, mas ele não dá exemplos concretos que permitiriam ver as implicações. Goffman usa muitos, muitos exemplos que trazem as idéias na vida em cores vivas. Nesse sentido, os escritores anteriores encontraram um continente vasto e desconhecido, o mundo emocional / relacional, mas não saíram de seus navios. Goffman, não só desembarcou, mas explorou partes do seu interior.

Mesmo Simmel, que estava ciente da intersubjetividade e da vergonha, não os ligou e deu alguns exemplos concretos. Goffman fica assim sozinho. Em minha opinião, foi ele, e nenhum de seus antecessores, que descobriu o mundo emocional / relacional. Todos nós nadamos neste mundo o dia todo, todos os dias, mas Goffman foi o primeiro a notar e descrevê-lo. Para este serviço à humanidade, devemos lhe laurear com a medalha suprema de honra de sua memória.

Goffman e a ciência positiva

Ao contrário da maioria dos analistas da vida interior, Goffman não se contentou em deixar os seus conceitos básicos indefinidos. Embora ele use ocasionalmente o

termo "união mística", a maior parte das vezes para se referir a falantes que estão conversando um com o outro, ele também oferece uma definição bastante elaborada e complexa de "estar em um estado de conversa". Uma vez que a sua definição requer uma página inteira de texto, não vou repetir tudo aqui. Basta saber que contém frases que implicam uma mentalidade mútua: "... um entendimento prevalecerá [entre os oradores] quando há um quanto tempo e uma frequência em que cada orador deve manter o chão..." (1967, p. 35 - uma formulação semelhante ocorre mais cedo, na página 34). A definição é mais próxima da descrição explícita do acordo intersubjetivo nesta linha:

... *Um único foco de pensamento e atenção*, e um único fluxo de conversa, tende a ser mantido e a ser legitimado como oficialmente representativo do encontro (Goffman 1967, p. 34, ênfase adicionada).

O significado da frase "um único foco de pensamento e atenção" torna-se mais aparente se comparado a uma frase semelhante, "atenção conjunta" usada pelo psicólogo Bruner (1983), quando ele está explicando como uma criança aprende a tornar-se sintonizada⁴ com a sua cuidadora. A mãe, ele diz, está apenas tentando ensinar uma nova palavra. Ela coloca um objeto (como uma boneca) no seu próprio braço e na linha de olhar do bebê, sacode-o para se certificar da atenção do bebê, dizendo: "Veja a linda BONECA". Nessa situação, o bebê provavelmente aprenderá não só o significado de uma palavra, mas, também, uma vez que ambas as partes estão olhando para o mesmo objeto, como ter, em conjunto com a mãe, "um único foco de pensamento e atenção", para usar a frase de Goffman. Uma definição conceitual de intersubjetividade vai se concebendo enquanto Goffman vai tentando explicar essa idéia.

Todavia com a outra vertente interior do trabalho de Goffman, o constrangimento, ele não se contentou em dar apenas uma definição conceitual, mas também ofereceu elementos de uma definição operacional:

Um indivíduo pode reconhecer o constrangimento extremo nos outros e mesmo em si mesmo pelos sinais objetivos de distúrbios emocionais: rubor, tatear, gaguejar, uma voz excepcionalmente baixa ou aguda, um discurso tremendo ou quebrar a voz, suar, esfumar, piscar, tremor da mão, movimento hesitante ou vacilante, ausência de distração e malapropismos. Como Mark Baldwin comentou sobre a timidez, pode haver "uma redução dos olhos, curvando a cabeça, colocando as mãos atrás das costas, dedilhando nervosamente a roupa ou torcendo os dedos, e gaguejando, com alguma incoerência de idéia como expressado em discurso". Existem também sintomas de tipo subjetivo: constrição do diafragma, sensação de vibração, consciência de gestos tensos e não naturais, sensação atordoada, secura da boca e tensão dos músculos. Em casos de desconforto leve, *esses movimentos visíveis e invisíveis ocorrem, mas em forma menos perceptível* (Goffman 1967, ênfase adicionada).

Esta definição une uma emoção interior com observáveis superficiais. Com o seu instinto estranho habitual, na última frase ele até parece sugerir a necessidade de uma maior elaboração da definição operacional: "esses movimentos visíveis e invisíveis [que acompanham o constrangimento], mas de forma menos perceptível". Esta cláusula parece apontar para o desenvolvimento de sistemas de codificação mais elaborados para os indicadores verbais e gestuais de vergonha e constrangimento, como o de Retzinger (1991; 1995).

⁴ A sintonização é o termo de Stern (1977) para o acordo intersubjetivo.

A tentativa de Goffman de definir o embaraço é ainda mais extraordinária no contexto da ciência social contemporânea. Os poucos teóricos das ciências sociais que enfatizam as emoções raramente as definem, mesmo conceitualmente⁵. Um exemplo disso seria a obra-prima de Elias, *O Processo Civilizador* (The Civilizing Process) (1939). Sua proposição de que o limiar de vergonha é avançado no processo civilizador é o fio central de todo o trabalho. Em um trabalho posterior de Elias, *Os Alemães* (The Germans) (1996), a vergonha é novamente evocada frequentemente, embora não explicitamente como no estudo anterior.

No entanto, Elias não ofereceu nenhuma definição de vergonha em nenhum dos livros, parecendo assumir que o leitor entenderia o conceito de vergonha da mesma maneira que ele fazia. A ausência de qualquer definição de vergonha e uma maneira sistemática de identificá-la é particularmente flagrante em *O Processo Civilizador*. Este estudo envolve uma extensa análise de vergonha em muitos trechos de conselhos e manuais de etiqueta em cinco línguas ao longo de seis séculos. A análise dos excertos é completamente intuitiva e, na maioria dos casos, altamente inferencial. Ou seja, a palavra vergonha, às vezes, é usada nos trechos que ele selecionou, mas muito mais frequentemente não é.

Elias confiava em interpretações intuitivas e inexplicadas do que Retzinger chamaria de *palavras comuns*, em contexto. Mesmo que suas interpretações fossem bastante precisas, ele deu pouca direção para futuras pesquisas sobre o assunto. Ao contrário de Elias e da maioria dos outros analistas da emoção, Goffman deu, pelo menos, o passo inicial para superar esse problema. Ao definir explicitamente seus conceitos, ele tentou enlaçar as variáveis interiores com os indicadores observáveis. Talvez o segredo para o sucesso na ciência social não seja apenas estudar tanto a superfície como o interior, mas também fornecer links que os conectem.

O efeito sobre a abordagem de Goffman nos leitores

Muitos autores observaram os intensos efeitos dos escritos de Goffman sobre os seus leitores. Lendo Goffman, como Lemert (1997), coloca,

... fez algo acontecer ... Um estremecimento de reconhecimento... A experiência que Goffman faz é colonizar um novo lugar social no qual o leitor entra para sair nunca exatamente no mesmo. Para ter uma vez, mesmo que apenas uma vez, o mundo social de dentro de tal lugar nunca mais é para vê-lo de outra forma, para sempre ler o mundo de novo. Por isso, vendo de maneira diferente, somos diferentes de nós... (p. XIII-VIII)

Esta é uma afirmação forte: a nossa visão do mundo, e mesmo de nós mesmos, é transformada pela leitura.

Em uma revisão perceptiva do trabalho de Goffman, Bennett (1994) fez um comentário similar, e menos expansivo: "... nenhum outro escritor neste campo [sociologia] tão regularmente assola alguém em autorreconhecimento".

As observações de Lofland (1980, p. 47) sugerem motivos para esse efeito:

Eu suspeito que não esteja sozinho em conhecer pessoas que se sentiram profundamente emocionadas ao ler o *Estigma* (1963) e outras de suas obras. Essas pessoas se reconheceram em outras pessoas e viram que Goffman estava articulando algumas das mais profundas e dolorosas experiências sociais humanas. Ele mostrou de repente que não estavam sozinhos, que alguém entendia o que eles conheciam e sentiam. Ele o conhecia e

⁵ No entanto, em seu extenso tratamento de vergonha, Lynd (1968) também deu um passo em direção a uma definição explícita. Em uma rara falta, Goffman não fez referência ao trabalho de Lynd.

expressava lindamente, produzindo neles alegria sobre a dor compreendida e apreciada, uma mistura inextricável de felicidade e tristeza, expressada em lágrimas.

Embora Lofland não nomeie emoções específicas, sua referência a "a mais fundamental e dolorosa das experiências sociais humanas" pode se aplicar ao, entre outras coisas, constrangimento, a vergonha e a humilhação. O foco de Goffman no constrangimento pode ser uma causa central da identificação empática descrita por Lofland, particularmente porque a maioria das ciências sociais não envolve emoções. A referência de Lofland sobre "as mais profundas... experiências humanas" também pode se referir, igualmente, à frequente evocação de interpretação intersubjetiva de Goffman.

Conclusão

Este artigo inferiu duas proposições básicas sobre o self e a sociedade a partir de uma análise do trabalho de Cooley e Goffman. Essas proposições vinculam dois conceitos: a *sintonização intersubjetiva*, por um lado, e a *vergonha* e seus parentes próximos, por outro. 1. Na medida em que duas partes estão sintonizadas de forma intersubjetiva, ambas as partes estarão em um estado de autêntico orgulho. 2. Na medida em que não estão sintonizados, um ou ambos estarão em estado de embaraço, vergonha ou humilhação. Uma vez que estas declarações são apenas conjeturas, elas precisam ser reformuladas de maneira que possam ser levadas a um teste empírico.

Há atualmente uma grande literatura sobre a identificação sistemática da vergonha e do constrangimento no discurso (ver, por exemplo, Tangney e Dearing 2002; Retzinger, 1995). Esta literatura pode ser particularmente útil, porque fornece técnicas para identificar a vergonha e as emoções relacionadas a cada segundo do discurso gravado. Um problema imediato é que não há uma literatura comparável sobre o orgulho. Para testar ambas as hipóteses, seriam necessárias medidas aproximadas de orgulho e vergonha.

A identificação dos níveis de sintonização é a mais problemática, porque a maioria diz respeito a situações estáticas, e não de momento a momento. Existe uma grande literatura sobre o que se chama *percepção interpessoal*. Para uma revisão desta literatura, veja a edição especial do *Journal of Personality* editado por Funder e West (1993). Talvez os procedimentos utilizados para medir a "*precisão empática*" (Ickes 1993, p. 587-610) possam ser modificados para o uso de momento a momento. Um método mais dinâmico implicaria medir o que Elias (2001) chamou de "*equilíbrio Eu-Nós*" no diálogo gravado. Esta técnica envolve a contagem de pronomes, eu, você e nós. Presumivelmente, um equilíbrio entre o eu e você, por um lado, e o nós, por outro lado, estariam associados à sintonização. Carrere et al. (2000) usaram essa técnica para medir a sensação de "*we-ness*"⁶ no discurso dos casais. Este método não é momento a momento, uma vez que é necessário contar pronomes em pelo menos várias frases para obter um senso confiável do estado da ligação. Mesmo assim, pode ser um primeiro passo para a aplicação do Cooley / Goffman às instâncias reais de interação social.

Referências

BENNETT, Alan. Cold Sweat. In: Gary Alan Fine; Gregory W. H. Smith (eds.). *Erving Goffman: a four volume set*. London: Sage Publications, 2001.

⁶ A expressão *we-ness*, expressa algo como *nós-mesmos*, isto é, como pessoas envolvidas em relações estreitas e pessoalizadas se sentem, - fechados em seus grupos de referência, e agindo em conformidade com eles, com comportamentos que promovem coisas como a privacidade e a singularidade do gosto e do estilo. (Nota do tradutor).

- BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- CARRERE, S. et al.. Predicting marital stability and divorce in newlywed couples, *Journal of Family Psychology*, v. 14, n. 1, p. 1-17, 2000.
- COOLEY, Charles H. *Human nature and the social order*. New York: Scribner's, 1922.
- ELIAS, Norbert. *The civilizing process*. Oxford: Blackwell, 1939.
- ELIAS, Norbert. Changes in the I-We balance. In: *The Society of Individuals*. New York: Continuum, 2001.
- FINE, Gary; G.W. Smith. *Erving Goffman*. London: Sage, 2001.
- FUNDER, David; Stephen West, (eds). Consensus and self-other Agreement. *Special issue of the Journal of Personality*, n61, 457-807, 1993.
- GOFFMAN, Erving. Embarrassment and social organization. *American Journal of Sociology*, n62, 264- 271, 1956.
- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. New York: Doubleday Anchor, 1959.
- GOFFMAN, Erving *Asylums*. New York: Anchor. 1963.
- GOFFMAN, Erving *Stigma*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1963.
- GOFFMAN, Erving. The Neglected situation. *The American Anthropologist*, v. 66, n. 6, part 2, p. 133-136. 1964.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual*. New York: Anchor, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *Strategic interaction*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.
- HEATH, Christian. Embarrassment and interactional organization. In: Paul Drew; Anthony Wooton (eds), *Erving Goffman: exploring the interaction order*. Cambridge: Polity, 1988.
- ICKES, William. Empathic Accuracy. In: D. C. Funder; S. West, (eds). *Special issue of the Journal of Personality*, n. 61, 481-498, 1993.
- LAING, R.; D. H. Phillipson; A. R. Lee. *Interpersonal perception: a theory and a method of research*. London: Tavistock, 1966.
- LEMERT, Charles. Goffman. In: Charles Lemert; Ann Branaman, (eds), *The Goffman reader*, (p. IX-XLVIII). Oxford: Blackwell, 1997.
- LYND, Helen. *On Shame and the search for identity*. New York: Harcourt, 1968.
- LOFLAND, John. *The view from Goffman*. New York: St. Martin's Press, 1980.
- MEAD, George H. *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press, 1936.
- O'CONNELL, Sanjida. *Mindreading: an investigation into how we learn to love and lie*. New York: Doubleday, 1998.
- RETZINGER, Suzanne. *Violent emotions*. Newbury Park: Sage, 1991.
- RETZINGER, Suzanne. Identifying shame and anger in discourse. *American Behavioral Scientist*, n. 38, p. 104- 113, 1995.

SCHEFF, T.. Toward a Sociological Model of Consensus. *American Sociological Review*, n32, p. 32-46, 1967.

SCHEFF, T.. *Microsociology: Discourse, Emotion, and Social Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SCHEFF, T.. Shame and the Social Bond: A Sociological Theory. *Sociological Theory*. N. 18, p. 84-99, 2000.

SCHEFF, T.. Shame in Self and Society. *Symbolic Interaction*, 2003.

SCHUDSON, Michael. Embarrassment and Erving Goffman's Idea of Human Nature. *Theory and Society*, v. 13, n. 5, p. 633-648, 1984.

STERN, Daniel. *The First Relationship*. Cambridge: Harvard University Press, 1977.

ANGNEY, June; Ronda Dearing. *Shame and Guilt*. New York: Guilford Press, 2002.

Referências Suplementares

1. BURBANK, Victoria Katherine. *Fighting Women: Anger and Aggression in Aboriginal Australia*. Berkeley : University of California Press, 1994.

2. BURNETT, Anne Pippin. *Revenge in Attic and Later Tragedy*. Berkeley: University of California Press, 1998.

3. EDWARDS, David B. *Heroes of the Age: Moral Fault Lines on the Afghan Frontier*. Berkeley: University of California Press, 1996.

4 EDWARDS, David B. *Before Taliban: Genealogies of the Afghan Jihad*. Berkeley : University of California Press, 2002.

5. ELIAS Norbert. *The Germans: Power Struggles and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth Century's*. New York: Columbia University Press, 1996.

6. GARDNER, Carol Brooks. *Passing By: Gender and Public Harassment*. Berkeley: University of California Press, 1995.

7. MADRIZ, Esther. *Nothing Bad Happens to Good Girls: Fear of Crime in Women's Lives*. Berkeley: University of California. Press, 1997.

8. MAKIYA, Kanan. *Republic of Fear: The Politics of Modern Iraq*. University of California Press, Jun 15, 1998.

9. REDDY, William M. *The Invisible Code: Honor and Sentiment in Post revolutionary France, 1814-1848*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1997.

10. ROY, Beth. *Some Trouble with Cows: Making Sense of Social Conflict*. Berkeley: University of California Press, 1994.

11. ULLMAN, Sharon R. *Sex Seen: The Emergence of Modern Sexuality in America*. Berkeley: University of California Press, 1997.

